Era um dia tão lindo, o sol estava a pino no seu com milhares de nuvens a sua volta, nos mais diversos formatos ,flores, animais e até pequenas estrelas. O vento era morno e cálido, não mais do que uma brisa bem vinda que acariciava a pele de forma tranquila. O mundo era uma calmaria nós momentos em que Lazlo se mantinha deitado abaixo do pequeno carvalho, que crescia em frente a sua casa desde pequeno. Observava não mais do que às nuvens pensando em um milhão de sonhos e fantasias infantis, apesar de não ser mais criança a um bom tempo. Estava esperando os país e os irmãos chegarem em casa e aproveitando o silêncio, enquanto não havia ninguém em casa e seus irmãos não implicavam com ele e perturbavam sua pequena paz.

Espero uma hora, entre o ir e vir das nuvens e da folhagem da árvore e às nuvens que passavam em seu próprio tempo, ninguém havia chegado. Se passou mais uma hora e o céu, como esperado, começou a desvanecer ganhando uma cor alaranjada que começava a perder a força e ainda ninguém havia chegado. Passaram se mais alguns horas, na qual o menino ainda cultivou a esperança de sua família chegar em frente a sua casa, mas sabia que não viriam depois que a noite caiu e tudo começou a desvanecer. O vento se tornou congelante e parecia querer eterniza-lo ali naquele lugar, as nuvens sumiram indo em busca de um recando mais calmo e convidativo e a lua lhe sorria maliciosamente, enquanto aquela pequena lembrança ou sonho escurecia e morria só sobrando para ele apenas realidade.

Acordou na sua casa, na penumbra de um dia que ainda sequer havia nascido, olhou no relógio acima da cômoda do quarto e constatou que eram 04:40 da manhã. Aquilo já virara algo comum naqueles últimos dias, sabiá que não ia conseguir dormir de novo, então começou a se levantar jogando às cobertas para baixo, enquanto ainda esfregava os olhos tentando espantar o resto de sono que ainda tinha. Levantou se lentamente da cama, seus olhos começando a se acostumar com a pouca luz da manhã e permitindo contemplar seu quarto.

O quarto era pequeno, não mais do que um cubículo com uma cama de solteiro, uma escrivaninha com alguns documentos em cima e um guarda roupa velho e poeirento. Após finalmente se acostumar totalmente com a pouca claridade e conseguir expulsar todo o resto de sono que o acometia foi em direção ao guarda-roupa. As portas rangeram ao serem puxadas e revelaram pilhas de camisas em diversas cores, optou por uma camisa social branca, já pensando em começar a se preparar para o trabalho aquela hora. Se preparou em instantes, vestindo aquelas velhas roupas que quase sempre o acompanhavam ao trabalho .

Depois de se arrumar rumou em direção a porta que dava para a cozinha, passando pela sua cômoda com papéis de trabalho amaçado e pequenas bulas de remédios e por fim pela única foto no quarto um porta retrato velho e empoeirado cuja as faces das pessoas era quase incompreensível. Chegando a porta a abriu com delicadeza, porém mesmo assim ela rangeu com um som estridente e alto que partiu o silêncio suntuoso que permeava toda a casa, como se todo o mundo começasse a se mover nesse instante.

A luz entrou pela porta aberta iluminando totalmente o mundo de lazlo, fazendo-o pensar que talvez aquele dia fosse melhor do que o resto da sua semana ou que pelo menos aquela quinta-feira não fosse uma decepção. Foi em direção a cozinha sem focar em nada ao seu redor, já conhecia aquele corredores com paredes velhas e tinta desgastada como a palma de sua mão, pois já morava naquele prédio apertado na avenida Del. Romeu a alguns bons (nem sempre) anos.

Chegou a cozinha a passos lentos e preparou um café da manhã bem simples, toradas com manteiga e um café preto cheio de açúcar. Enquanto comi pensava o que fazer com o tempo que tinha sobrando, pensou em assistir um pouco de TV, mas desconsiderou fazer isso lembrando se o quanto os programas da madrugada eram monótonos ou terríveis, pensou em tentar ler algum livro de sua estante, mas desconsiderou esse fato porque já lera e relera todos eles mais de uma vez e já sabia suas historias de cor, por fim decidiu sair naquela simples madrugada e ir a pé para o trabalho aproveitando a brisa fria e a possibilidade de ver o nascer do sol.

Decidido pegou as chaves em um pote que deixava junto ao micro-ondas na cozinha, buscou os sapatos que deixava ao lado da porta da saída e os colocou rapidamente. Estava pronto para sair, colocou a chave na porta e saiu para fora do apartamento apreciando a vista do sol que começava a surgiu no céu delineado por nuvens de fumaça. Andou despreocupadamente por quarteirões apreciando não mais do que a luz que começava a aumentar e o vento que lê arrepiava a espinha. Pensava em como dias como aquele eram incomuns limpos e silenciosos, gostava da sensação de poder escutar seus pensamentos sem que a metrópole os engolisse com seus sons e problemas, mas uma parte de si queria que aquilo acabasse que o turbilhão de sons voltasse e encobrisse seus pensamentos que sempre se voltavam para o que sonhava ou seus próprios problemas, queria ter algum tipo de distração pelo menos até às duas da tarde.

Estava tão imerso em seus pensamentos que nem percebeu que não ia mais em direção ao trabalho e que estava indo para o único lugar que realmente queria estar. Só foi quando chegou as portas da escola de piano Aratela, com seus portões lustrosos em azul e dourado com entalhes de videiras e sua estrutura feita quase toda em mármore reluzindo quase como um santuário. Ele olhou para os porto e mais afundo para o lugar onde sua alma ansiava estar, suas mãos tremiam enquanto buscava a chave daqueles portões que receberá de Dom Diego. Abriu as portas sem sutileza sabendo que não haveria ninguém naquele lugar a essa hora.

Correu por aqueles corredores que conhecia de cor e que sempre que podia ajudava a limpar, todos eles pareciam luzir e gritar a cada passo que ele dava dentro daquelas paredes ansiando talvez para que aquela alma desolada finalmente se acalmasse ou simplesmente que sumisse. Chegou a sala de número 05 em menos de dez minutos e finalmente contemplou a única coisa nesse mundo que ainda acalmava seus dias e não os deixava vazios: um grande piano de calda Negro feito de um mogno tão escuro que parecia indistinto dentro da baixa claridade da sala.

Sentou-se se na pequena banqueta de frente para o piano de madeira escura, ansiava por tocá-lo e fazer soarem notas lindas ou até mesmo indistinguíveis apenas para liberar aquilo que guardava dentro de si e nunca podia libertar. Abriu a tampa do piano e posicionou as mãos sobre as teclas pretas e brancas que conhecia de cor e começou a tocá-las, uma a uma devagar enquanto lembrava, porque ele sempre lembrava quando começava a tocar. Lembrou das tardes em casa com sua família, coma as risadas e brincadeiras, das festas de aniversário, da solidão, da perda, dos tiros e o fogo caído dos céus durante as lutas no fronte. Agora cada toque era rápido, às notas se misturando em um turbilhão sem parar se misturando a cada memoria criando uma melodia de felicidade, solidão e sofrimento algo tão agridoce que chegava a queimar.

Sentiu se em chamas como nunca se permitia sentir, a não ser naquele momento que sempre benzia no seu dia. Naquele instante não havia nada a não ser a música que era toda a dor de uma alma e a alma que se tornava a melodia do sofrimento da vida de um homem que perdera a família a muito tempo e que vivera em solidão desde aquele momento, não esperando nada além de uma vida perdida e a deriva. Era a também a melodia de um soldado não mais do que um garoto em uma guerra em campos queimando em chamas, lutando por líderes sem rosto e por um pais que nunca se importara com ele até daquele dia.

Sentiu toda a amargura de sua alma, suas perdas, as camas apertadas de lugares que nunca consegui chamar de lar e seus amigos ceifados a muito em campos de batalha longínquos. Então finalmente estava feito, podia sentir se ele mesmo mais uma vez com toda dor e arrependimento, assim como felicidades e amores se perdendo em tudo aquilo.

Estava tão imerso em si mesmo que não percebeu que alguém adentrara a sala e que o contemplava com olhos curiosos. A figura imperceptível por trás da melodia aproximou-se de um pequeno suporte lateral e pegou um pequeno violino e como se compadecida daquela melodia começou a acompanhar sua melodia como se já a conhecesse.